

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA					
	ES	01	01	14	F1	A3
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Espírito Santo
LOCALIDADE	Norte
MUNICÍPIO / UF	São Mateus/ES

2. RELAÇÃO DOS BENS**2.1. CELEBRAÇÕES**

DENOMINAÇÃO	Festa de São Benedito				IDENTIFICADO		1	
					☒ SIM	☒ NÃO		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	27 de dezembro	LUGAR	São Mateus, Capela de São Benedito				
DESCRIÇÃO	A Festa de São Benedito em São Mateus é realizada há quase três séculos, possivelmente. A construção primitiva da capela data do início do século XVIII por obra de padres jesuítas. Contudo, até o final do século XIX recebia a denominação de Capela de Nossa Senhora do Rosário, entidade mariana também cultuada pelos negros. Ao longo do século XX passou a ser conhecida como Capela de São Benedito. Acredita-se que a festividade tenha se iniciado ainda no século XVIII, considerando que o culto a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário eram comuns entre as populações negras. Dona Edézia Pereira, do Jongo de São Benedito, contou que o primeiro Jongo que dançou foi na Festa de São Benedito, quando tinha por volta de 17 anos de idade. Atualmente a jongueira tem 87 anos. A trajetória do festejo, nesse sentido, sempre foi marcada por manifestações culturais de matriz africana. A festividade acontece anualmente em 27 de dezembro, data do santo. A programação comporta missas ao longo do dia e procissão. Contudo, no dia anterior, em 26 de dezembro, o Jongo de São Benedito realiza a fincada do mastro e apresenta-se no adro do templo. Podem acontecer, ainda, shows musicais, com a programação estendendo-se até o dia 28, conforme ocorreu em alguns anos. A festa é bem participada, recebendo devotos do município e de outras localidades capixabas. Para a comunidade local o festejo simboliza uma antiga devoção e a própria história da cidade.							
REGISTROS	-				Nº	-		
CONTATOS	Dona Nêga				Nº	2		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	ES	01	01	14	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

2.2. FORMAS DE EXPRESSÃO

DENOMINAÇÃO	Jongo de São Benedito				IDENTIFICADO		2
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sem data específica Festa do santo: 27 de dezembro		LUGAR	São Mateus		
DESCRIÇÃO	O Jongo de São Benedito tem sua fundação ligada à Salvino Pereira Rodrigues, irmão de Dona Edézia Pereira. Na comunidade de São Pedro, local em que Edézia e seu irmão nasceram, o Jongo era praticado e ocorria com frequência nos terreiros e nas festas santeiras. Dona Edézia contou que o primeiro Jongo que dançou foi na Festa de São Benedito, quando tinha por volta de 17 anos de idade. O primeiro Jongo feito por Salvino, de acordo com Dona Edézia, foi realizado em uma chácara, na localidade de Ribeirão. Inicialmente ele não tinha tambor, mas, ao chegar do trabalho na roça, todas as tarde ele se sentava e batia em um caixote, entoando as músicas do Jongo. Ao ir trabalhar na derrubada de árvores encontrou a madeira tambor e fez seus próprios instrumentos, que ainda se encontram no acervo do grupo. Ao produzir seus tambores começou a organizar várias rodas da forma de expressão. Salvino costumava fazer rodas no dia de Santana, no mês de julho, quando convidava várias pessoas que gostavam do Jongo para irem até sua casa. Na localidade existiam rodas de Jongo organizadas por Júlio Tamanco das quais Salvino também participava. Existem referências de que no porto, área mais antiga da cidade, havia o Jongo do Menino Jesus, do Mestre Pedro Geraldino. Com a saída de Júlio Tamanco da comunidade, Dona Vitória Rios, senhora da sociedade local que ajudava nas atividades da igreja, passou a cuidar dessa forma de expressão e convidou Salvino Pereira para fazer suas rodas na Festa de São Benedito, levando seus próprios tambores. Dona Nêga, atual Mestre do Jongo de São Benedito, conta que, aos cinco anos de idade, lembra-se de ver o pai sair para acompanhar o Jongo na porta da igreja de São Benedito. Assim, infere-se que a forma de expressão já ocupava este espaço urbano na década de 1960. Dona Vitória Rios foi grande incentivadora do Jongo na comunidade e responsável por sua aproximação com a igreja, mantendo o costume de oferecer um lanche após as apresentações dos jongueiros. A partir da inserção do grupo no festejo tornou-se conhecido como Jongo de São Benedito, visto que, inicialmente, os interessados na forma de expressão reuniam-se a partir do convite de Salvino, sem a formalização atual. Por sugestão de Dona Tedir, sobrinha de Dona Vitória Rios, foram confeccionadas roupas uniformizadas para os jongueiros, atribuindo homogeneidade e caracterizando-os como grupo. Dona Nêga começou a participar do grupo ao conhecer o filho de Salvino, com quem se casou posteriormente. No ano de 1992, Salvino desapareceu, aos 75 anos de idade. Nunca foram obtidas informações sobre seu paradeiro. Assim, Dona Nêga, que já atuava no grupo, deu continuidade à forma de expressão junto com outros componentes. No ano de 2007, por ocasião do registro do Jongo no Sudeste como patrimônio imaterial brasileiro pelo IPHAN, o Jongo de São Benedito foi indicado para que a forma de expressão fosse sinalizada também no Estado do Espírito Santo, com a inclusão, posteriormente, dos demais grupos de Jongo e Caxambu capixabas.						
REGISTROS	Jongo de São Benedito				Nº	62, 72-73	
CONTATOS	Dona Nêga				Nº	2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	ES	01	01	14	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Caxambu de Santo Antônio			IDENTIFICADO		
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sem data específica Festa do santo: 05 de Outubro	LUGAR	São Mateus, Comunidade de São Cristóvão		
DESCRIÇÃO	O Caxambu de Santo Antônio teve início no final do século XIX e foi organizado pelo pai de Benedito Nascimento, ex-escravo que habitou terras onde atualmente se localiza a comunidade de São Cristóvão, no município de São Mateus. Estas terras foram povoadas por ex-escravos saídos das fazendas na época da Abolição e nelas se estabeleceram para o cultivo de café, milho e cana-de-açúcar. As reuniões para a realização do Caxambu contavam também com a prática do ticumbí, da marujada e do bumba-meu-boi. As reuniões contavam com a presença de toda a comunidade, formada em sua grande maioria por ex-escravos. Não se tratava, na época, de um grupo institucionalizado, mas de uma prática religiosa difundida entre os membros da comunidade como forma de relembrar os ancestrais e pedir proteção às divindades nas colheitas. Após a morte de Benedito Nascimento a manifestação cultural passou a ser liderada por seu filho Antônio Lucindo, que tomou a frente da prática em pagamento de uma promessa. Acometido de uma doença no ouvido que causou grande inchaço, Antônio Lucindo prometeu se dedicar à realização do Caxambu, da marujada, do ticumbi e do bumba-meu-boi caso sua doença fosse curada. Levado a São Mateus para se tratar, Antônio Lucindo foi curado, e desde então passou a ser o líder dos festejos na comunidade. Durante grande parte do século XX o Sr. Antônio Lucindo foi o principal responsável pela organização dos ensaios, pelos contatos para apresentação em outras comunidades e pela reunião de recursos para a realização da prática. O grupo tornou-se presença constante em festas como as do Dia de Reis, do dia de Santo Antônio, de Nossa Senhora do Rosário e a Festa de São Mateus. Com a morte de Antônio Lucindo na década de 1980, seu irmão, Mateus Nascimento, assumiu a liderança do grupo. A partir dessa década a prática passou a apresentar mudanças, principalmente pela saída de membros da comunidade para outras cidades e pela diminuição dada pelos mais jovens da comunidade à prática. Com a morte de Mateus Nascimento, seu filho, Antônio do Nascimento, conhecido no local como Tonhão, tornou-se o líder do grupo, que passou a ser restrito à sua família. O número de participantes, que havia chegado no passado a mais de quarenta, restringiu-se a dezesseis. O Sr. Antônio relatou ser mais fácil organizar o grupo sendo os integrantes de sua família, pois os contatos são mais fáceis e a importância dada à prática pode ser afirmada por meio da educação dos pais. Segundo o mesmo, o contato com a Secretaria de Cultura de São Mateus foi de suma importância para que o grupo não desaparecesse. A partir da proximidade de Sr. Antônio com a Secretaria de Cultura de São Mateus o Caxambu de Santo Antônio conseguiu participar de eventos em todo o estado do Espírito Santo e em outros estados, como Minas Gerais e Rio de Janeiro. No entanto, o choque entre a cultura tradicional e a crescente cultura de massas gerou dificuldades de manutenção da prática. Os integrantes questionaram as características originais, procurando fazer modificações que o aproximassem de outros ritmos musicais. Tal fato foi combatido pelo Sr. Antônio, que até os dias atuais consegue garantir a integridade da prática, a despeito do desaparecimento dos Ticumbís e das Marujadas. O principal problema alegado por Antônio do Nascimento é a falta de transporte para as apresentações, o que levou à diminuição das atividades do grupo. No entanto, ele garante que a prática se manterá viva na comunidade enquanto ele for vivo.					
REGISTROS	Caxambu de Santo Antônio			Nº	261, 262	
CONTATOS	Mestre Antônio do Nascimento (Tonhão)			Nº	3	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	ES	01	01	14	F1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

2.3. EDIFICAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Benedito				IDENTIFICADO		3
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XVIII	LUGAR	São Mateus			
DESCRIÇÃO	A construção primitiva da capela data do início do século XVIII por obra de padres jesuítas. Contudo, até o final do século XIX recebia a denominação de Capela de Nossa Senhora do Rosário, entidade mariana também cultuada pelos negros. Ao longo do século XX passou a ser conhecida como Capela de São Benedito. Sempre esteve ligada às manifestações culturais e festividades ligadas à população escrava que vivia na localidade, seja no culto a Nossa Senhora do Rosário ou a São Benedito. Desde que as rodas de jongo tiveram início na localidade, sem a possibilidade de datação precisa, a capela liga-se a essa forma de expressão, recebendo em seu adro os encontros de jongueiros para tocarem seus tambores e dançarem. Contudo, os religiosos europeus que viveram em São Mateus, nas primeiras décadas do século XX, não gostavam que o Jongo fosse realizado na Capela de São Benedito. Porém, com o tempo, novos clérigos que chegaram à cidade consentiram que a forma de expressão acontecesse na área da igreja. Todo dia 26 de dezembro o Jongo de São Benedito realiza a fincada do mastro do santo ao lado do templo e faz sua apresentação na programação da festa do santo. A capela encontra-se em bom estado de conservação e recebe atividades litúrgicas semanalmente, sendo bem frequentada pela comunidade local.						
REGISTROS	Igreja de São Benedito				Nº	27-28	
CONTATOS	Dona Nêga				Nº	2	

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Bianca Pataro Dutra, Raul Lanari, Mariana Gonçalves Moreira e Guilherme Reis		
SUPERVISOR	Mariana Gonçalves Moreira		
PREENCHIDO POR	Bianca Pataro Dutra, Raul Lanari		DATA 20/07/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Ana Carolina Vaz Mariana Gonçalves Moreira		